

Possibilidades da Hermenêutica na Administração

David Ferreira Lopes Santos¹

Resumo

Este trabalho se apresenta como um ensaio teórico que tem por objetivo aumentar a discussão das bases epistemológicas para a pesquisa nos estudos organizacionais. Em detrimento de inúmeros caminhos, adotou-se aqui a perspectiva da hermenêutica como uma possibilidade dentro da Administração no que tange à visão de mundo que norteia a pesquisa. O trabalho foi construído a partir de uma revisão bibliográfica que procurou combinar os postulados da hermenêutica para autores especialistas nessa doutrina e algumas experiências identificadas em trabalhos acadêmicos. Observa-se, ao final, que a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade que envolvem os estudos organizacionais permitem à hermenêutica se tornar uma excelente alternativa epistemológica para aumentar a compreensão das organizações.

Palavras-chave: Epistemologia. Hermenêutica. Pesquisa em Administração.

I Introdução

As organizações, quando entendidas por uma combinação de recursos coordenados para o alcance de objetivos pré-estabelecidos, podem ter suas origens apontadas para a Antiguidade, quando o ser humano começou a organizar-se em grupos sociais. Em consequência, surge a necessidade da criação de sistemas de governo, defesa e produção de bens. Não é por outro motivo que os principais autores de livros que tratam das teorias organizacionais, como Caravantes (1998), Motta (1999), Maximiano (2000) e Silva (2001), remontam, nos seus livros direcionados aos alunos de graduação, a uma perspectiva histórica para tratar do **desenvolvimento** das organizações. Tal como são conhecidas hoje, as organizações empresariais têm como marco a Revolução Industrial no Século XVIII. É nesse momento que as organizações começam a ser objetos de estudos. Nesse período inicial, e

¹ Doutor em Administração pela Universidade Mackenzie. Professor da Universidade Potiguar e da Faculdade de Ciências e Tecnologia Mater Christi. Endereço: Rua Lourdes Monte, 29 - Alto do São Manoel, Mossoró/RN - CEP: 59.631-240. E-mail: davidflsantos@gmail.com. Artigo recebido em: 02/06/2006. Aprovado em: 28/02/2007. Membro do Corpo Editorial responsável: Emerson Antônio Maccari.

ainda hoje, os estudos organizacionais foram altamente influenciados pela perspectiva da ciência econômica, contando com a contribuição dos economistas David Ricardo, Karl Marx, John Stuart Mills, Leon Walras, Alfred Marshall, Thorstein Veblen, entre outros, para o entendimento dos problemas das empresas, tanto por meio da análise de variáveis endógenas quanto exógenas (LEKACHMAN, 1973).

O avanço das organizações no final do Século XIX, em especial, nos Estados Unidos da América, intensificou a importância de pesquisas que compreendessem a dinâmica delas, que, já no século passado, passaram a ocupar um lugar central na sociedade (ETZIONI, 1967).

Devido à importância das empresas para a sociedade moderna e pós-moderna (POLANYI, 2000), o entendimento do funcionamento delas e suas interações com todos os agentes que lhes são circunscritos tornaram-nas um dos principais objetos de estudo da atualidade, sendo analisadas por diversas lentes do conhecimento. A pluralidade que caracteriza os estudos organizacionais talvez seja um dos principais fatores que dificulta a consolidação da Administração como ciência, no sentido de ter o seu objeto de estudo definido com clareza e objetividade.

Essa condição é identificada na diversidade de metodologias de pesquisas empregadas nos estudos organizacionais, ou, até, na possibilidade de analisar um mesmo objeto sob enfoques epistemológicos contraditórios com o uso de metodologias quantitativas e qualitativas. No entanto, é evidente a força que as correntes positivista e pós-positivista exercem nas pesquisas empresariais. A hegemonia do paradigma positivista como base ontológica para diversas metodologias de pesquisa em Administração é notória, principalmente no Brasil, que teve forte influência das escolas americanas no seu processo de crescimento industrial e no ensino em Administração.

A superação desse paradigma dentro da Administração começa a ganhar volume a partir da década de 70, quando se começa a incorporar metodologias de pesquisa já sedimentadas em outros ramos das ciências sociais (SCHWANDT, 2000). Destacam-se nesse novo cenário: o Pragmatismo de William James (1997) e John Dewey (1958); o Materialismo Histórico de Karl Marx (1979) e autores neomarxistas; a Fenomenologia de E. Husserl (1985); a Genealogia de F. Nietzsche (2008); a Arqueologia de M. Foucault (1999); a Psicanálise Cultural de S. Freud (1985), H. Marcuse (1967) e C. Castoriadis (1987); a Análise Estrutural de C. Lévi-Strauss (1975) e Roland Barthes (1964); a Hermenêutica de M. Heidegger (1989) e Hans-Georg

Gadamer (1997); e a Semiótica de Karl-Otto Apel (2000). Essas novas perspectivas passaram a considerar o campo das empresas como um espaço de possibilidades a ser explorado; possibilidades que até então se encontravam marginalizadas e desacreditadas pela tradição epistemológica dominante (SANTOS, 2004, *apud* VERONESE, 2003). Veronese (2003) destacou três aspectos importantes nessa nova teoria crítica contemporânea: a passagem do monoculturalismo para o multiculturalismo através de uma sociologia das ausências; apontou, também,

[...] a desistência da peritagem heróica pelo conhecimento edificante, o que implica em uma mudança de identidade por parte do cientista, além da assunção de uma ética relacional para o conhecimento (p. 5)

e por último destacou as limitações do positivismo e do método cartesiano ao expressar:

[...] migrar da ação conformista à ação rebelde, onde concepções deterministas, conformistas ou “indolentes” sejam substituídas por concepções que imaginam novas possibilidades e novas formas de transformação social, sem preguiça de fazê-lo. Essa “indolência”, atribuída pelo autor à ciência moderna cartesiana, é uma forma de racionalidade típica que inclui uma sistemática negação da diferença e da riqueza da alteridade, desperdiçando um rico cabedal que deveria estar a serviço da humanidade (VERONESE, 2003, p. 5).

O que se busca é aproximar os estudos organizacionais das ciências sociais dentro de um paradigma qualitativo e distanciá-lo das chamadas ciências naturais.

Nesse contexto surge a hermenêutica como base epistemológica capaz de influenciar outras metodologias de pesquisa. Assim, este ensaio se propõe discutir, à luz do referencial teórico descrito nas referências, as possibilidades da perspectiva hermenêutica nos estudos organizacionais.

2 Referencial Teórico

2.1 Origem da Hermenêutica

Bleicher (1992) e Palmer (1997) identificaram a origem da palavra hermenêutica no mito grego do deus Hermes. Hermes era um deus que transmitia as mensagens dos deuses para os mortais; dessa forma ele exercia dois papéis muito importantes, a saber: primeiro servia de intérprete dos deuses para os mortais e nessa interpretação ele assume o segundo aspecto importante, a inteligibilidade do que estava falando. A volta etimológica para compreender o conceito de Hermenêutica não é apenas um exercício de curiosidade, mas, sobretudo, serve para aumentar o entendimento sobre ela. Essa posição também foi destacada por Rohden (2003) que, todavia, foi mais além quando esclareceu a função da Hermenêutica baseada nesse mito, pois segundo este autor, Hermes era o deus mais próximo da realidade humana e a divindade que mais apresentava desenvoltura no estabelecimento de relações entre deuses e Homem. Hermes também intercedia e protegia os seres humanos tanto no mundo dos vivos quanto no *Hades* (destino aonde se acreditava que as almas dos seres humanos iam depois da morte). Hermes é considerado o criador da linguagem e sentido, revelando, assim, o traço interativo ou transacional entre o real e as representações humanas (ROHDEN, 2003).

Do ponto de vista hermenêutico, o deus Hermes é aquele que revela o sentido oculto, sendo por isso também conhecido como o deus do sentido, uma vez que se põem em comunicação e correlação os diferentes níveis de uma realidade aberta por seu verbo alado. Ele relaciona e cria pontes entre diferentes níveis de realidade, põe em questão o *Tetium non Datur*. Hermes, o tradutor, constitui o fenômeno da tradução a qual revela o cerne da Hermenêutica onde se confronta a seguinte condição básica: ter de compor um sentido de trabalho, trabalhando com instrumentos gramaticais históricos e outros para decifrar um texto antigo (ROHDEN, 2003, p. 2).

No sentido filológico, Palmer (1997) apresentou as raízes da palavra Hermenêutica no verbo grego *hermeneuein*, que normalmente é traduzido por interpretar e interpretação quando associado ao substantivo *hermeneia*, também em grego. Das definições modernas de Hermenêutica, Palmer (1997) destacou as seguintes:

1. Teoria de exegese bíblica;
2. Metodologia filológica geral;
3. Ciência de toda compreensão linguística;
4. Base metodológica das ciências que se centram na compreensão das expressões humanas – *Geisteswissenschaften*;
5. Fenomenologia da existência e da compreensão geral; e
6. Sistemas de interpretação iconoclásticos, utilizados pelo homem para alcançar o significado subjacente aos mitos e símbolos.

Segundo Palmer (1997), essas definições permitem compreender a Hermenêutica em todos os seus estágios históricos, que remetem ao ano de 1654 e vão até os dias atuais; o sentido da Hermenêutica se encontra polarizado entre aqueles que a vêem como um conjunto de princípios metodológicos aplicados à interpretação, corrente capitaneada por Dilthey (2002) e Schleiermacher (2000); e por outro lado, a utilização da Hermenêutica como exploração filosófica das características e dos requisitos necessários a toda compreensão (PALMER, 1997), nesta linha os principais expoentes são Martin Heidegger (1989) e Hans-Georg Gadamer (1997). Cabe, ainda, destacar que segundo Palmer (1997) o filósofo Betti é atualmente o principal seguidor da tradição desenvolvida por Dilthey (2002) e Schleiermacher (2000).

A seguir, serão apresentadas as principais contribuições dos autores citados para, na seção seguinte, analisar alguns trabalhos que expressaram o uso da Hermenêutica como metodologia de pesquisa aplicada à administração. Na sequência serão apresentadas algumas considerações finais que, longe de encerrar o assunto, procuram abrir novas possibilidades a partir das análises realizadas.

2.1.1 Schleiermacher (2000)

A preocupação fundamental da obra de Schleiermacher para hermenêutica consistiu na tentativa de criar uma Hermenêutica Geral (PALMER, 1997), que fosse capaz de ir ao cerne de todo processo de interpretação do ser humano. Fosse o objeto um texto religioso, jurídico, histórico, ou qualquer outro, a questão inicial dos estudos de Schleiermacher era responder “Como é que toda ou qualquer expressão lingüística, falada ou escrita, é compreendida?” (PALMER, 1997, p.22).

A resposta ao problema de Schleiermacher (2000) estava no que ele denominou de círculo hermenêutico: um processo em que a compreensão da expressão linguística acontece ao voltar às origens dela, ou seja, retornar ao autor e analisar as estruturas das frases e o aspecto psicológico ou mental do orador. Dessa forma, o fundamento do círculo se sustenta na reconstrução da fala, abordando o aspecto gramatical e psicológico.

Bleicher (1992) explorou a hermenêutica de Schleiermacher a partir da tônica de Fichte na produtividade do Eu ativo; esse pressuposto levou à relação proposta por Schleiermacher (2000) entre a individualidade e a totalidade. Assim, o círculo hermenêutico proposto por Schleiermacher que contempla os aspectos gramaticais e psicológicos envoltos nos textos foi desenvolvido brevemente em Bleicher (1992) da seguinte forma: o aspecto gramatical é analisado com base em 24 cânones, sendo que os dois primeiros são os mais importantes, pois tratam da importância da linguagem no texto; o primeiro analisa o campo de linguagem partilhado pelo autor e o segundo trabalha o significado que cada palavra tem, o que pode ser determinado por referência com as palavras que a rodeiam; os cânones que tratam o aspecto psicológico “congregam-se em torno da investigação do aparecimento do pensamento dentro da totalidade da vida de um autor” (BLEICHER, 1992, p. 35).

A importância da análise da linguagem na filosofia de Schleiermacher foi destacada por Rohden (2003, p.1) ao iniciar um capítulo com a seguinte expressão de Schleiermacher: “Tudo o que se pressupõe em hermenêutica é unicamente linguagem”. Nesse texto, Rohden (2003) procurou defender a hipótese de que a linguagem ocupou o lugar e o sentido da *arché*, como princípio e origem, constituinte e formador do real. Para esse autor “Somos sempre consciente e/ou inconscientemente, frutos de uma transação entre nossos desejos e a interação precedente codificada em linguagem” (p. 3). Nesse mesmo texto o autor ressaltou a importância do círculo hermenêutico

como processo para compreensão da linguagem em contrapartida ao cientificismo muitas vezes empregado na análise da gramática. Entretanto, Palmer (1997) ressaltou que, no início dos seus trabalhos (1805 – 1819), Schleiermacher procurou alcançar uma Hermenêutica Geral através da análise da linguagem escrita; apenas mais tarde abandonou a concepção fundamental da identidade da expressão e do pensamento por uma concepção em que a hermenêutica passou a se orientar como uma função interna e ardilosa da individualidade (PALMER, 1997), separada da individualidade da linguagem.

Apesar da sua grande contribuição para a Hermenêutica contemporânea, do que, para muitos autores, Schleiermacher é o pai, não se podem negar inconsistências no seu trabalho. Palmer (1997) apresentou crítica muito forte de Gadamer à hermenêutica de Schleiermacher, pois para este, conforme apresentado, a compreensão agora como um processo mais psicológico do que linguístico é o ponto de partida para a clarificação e entendimento de um texto. Todavia, em muitas situações que envolvam uma tradução ou penetração em algum ponto da história, pode a atitude do pesquisador diante do texto não ser concebida independente das relações significativas com o todo e com a experiência *a priori*, não podendo assim desprezar o elemento histórico da interpretação.

No entanto, não se pode retirar o mérito de Schleiermacher, pois foi por meio dele que a Hermenêutica conseguiu deixar de ser apenas uma exegese bíblica para uma possibilidade de filosofia aplicada às ciências humanas (SOARES, 1988; PALMER, 1997).

2.1.2 Wilhelm Dilthey (2002)

Dilthey, filósofo e historiador literário, percebeu na Hermenêutica o fundamento para as *Geisteswissenschaften*, tendo em vista que são áreas do conhecimento que trabalham com a interpretação das expressões da vida interior do Homem (PALMER, 1997). Dentro dessa perspectiva, Soares (1988) identificou em Dilthey a esquina entre o romantismo e o iluminismo. Por um lado Dilthey procurou apresentar métodos para uma interpretação da vida interior e para tanto lançou mão de técnicas e modos de pensar das ciências naturais, demonstrando ter sido fortemente influenciado pelo pensamento de Augusto Comte (PALMER, 1997). Todavia, seu romantismo pode ser expresso “na atribuição de um caráter irredutível à particularidade histórica,

tanto do agente do conhecimento, quanto de seu objeto: o mundo humano, o sentido e o espírito” (SOARES, 1988, p. 105).

A base teórica para as *Geisteswissenschaften*, na filosofia de Dilthey (2002), pode ser encontrada em *A Crítica da Razão Histórica*, livro cujo título é provocativo a *A Crítica da Razão Pura*, de Immanuel Kant (1787). A principal antipatia de Dilthey a Kant está na abordagem anistórica de Kant, que vê os fatores da vida mental isoladamente, ignorando assim dois componentes importantes segundo Dilthey: o sentimento e o desejo de ação (BLEICHER, 1992).

Bleicher (1992) destacou que a procura por completar a *Crítica da Razão Pura* de Kant resultou na abertura de um dualismo inerente à filosofia moderna. Essa tensão surge do dualismo

[...] da filosofia e da ciência, da metafísica e da epistemologia, da crença e do conhecimento, do *logos* e do *ethos*, da razão pura e da prática, da filosofia sistemática e da filosofia de vida, da lógica e da história (BLEICHER, 1992, p. 27).

O objetivo de encontrar uma práxis que fosse metodologicamente suficiente para fundamentar as *Geisteswissenschaften* iniciou-se na seguinte questão epistemológica de Dilthey, identificada por Palmer (1997, p. 42): “Qual é a natureza do ato de compreensão que constitui a base de todos os estudos sobre o homem?” Assim, Dilthey (2002) passou ao largo do idealismo alemão, pois o problema tem natureza epistemológica e não metafísica, exige também uma concepção da consciência histórica e ainda a necessidade de compreender expressões a partir da própria vida.

Os métodos sugeridos por Dilthey nos estudos humanísticos deveriam derivar das características da própria vida; tinham que se basear nas categorias de sentido e não de poder; nas categorias da história e não das matemáticas (PALMER, 1997). Para Dilthey, a grande dificuldade, até então, em desenvolver nas *Geisteswissenschaften* a confiabilidade que as ciências naturais tinham residia na compreensão da vida como experiências estáticas (SOARES, 1988). Para Palmer (1997, p. 45) a principal diferença entre os estudos humanísticos e as ciências naturais, segundo o pensamento de Dilthey, “não está necessariamente nem num tipo de objeto diferente nem na percepção; a diferença essencial está no contexto dentro do qual o objeto precepcionado é compreendido”. Assim, existe concordância entre as percepções de Soares (1988) e Palmer (1997), pois o problema da base

epistemológica que sustenta grande parte das ciências naturais está na ausência da experiência humana.

Dessa forma, Dilthey (2002) expressou sua hermenêutica como uma fórmula que congrega: experiência, expressão e compreensão.

Não se pode negar o avanço da hermenêutica com as contribuições de Dilthey (2002). Todavia, a encruzilhada que sua filosofia alcançou não o absteve de buscar um grau de certeza e generalidade, assumindo de forma oculta um caráter cientificista do conhecimento, assistido por pressupostos cartesianos (BLEICHER, 1992). Dilthey (2002) teve como severos críticos, Habermas (2004) e Gadamer (1997).

2.1.3 Martin Heidegger (1989)

A Fenomenologia husserliana, em especial o método, exerceu grande influência na filosofia de Heidegger (1989), principalmente na abordagem do **ser**. Heidegger (1989) utilizou o método para analisar a própria natureza humana, abordando assim as seguintes questões:

1. A existência inautêntica; e
2. O ser como iluminação da linguagem.

Na segunda questão se insere a principal contribuição de Heidegger: a Hermenêutica. O principal trabalho desse filósofo alemão é o *Ser e o Tempo*, de 1984. Assim como Dilthey, Heidegger estava preocupado em criar uma hermenêutica para as *Geisteswissenschaften* no seu sentido metodológico (PALMER, 1997). Gadamer (1997) afirma que Heidegger assemelha-se em Dilthey na busca pela concepção da vida. Todavia, o autor ressalta que Heidegger superou o paradigma da posição epistemológica das concepções de Husserl e Dilthey para a autoreflexão, que encontra seu fundamento metódico no fato de as vivências darem-se por si mesmas. Surgiu, assim, a hermenêutica da facticidade (GADAMER, 1997).

A habilidade em conseguir avançar em estágios inacessíveis a Dilthey foi o uso por Heidegger da fenomenologia, pois através dessa ferramenta, ele foi capaz de “explicar os processos do ser na existência de tal modo que o ser, e não simplesmente a ideologia de cada um, pudesse tornar-se patente” (PALMER, 1997, p. 47). A fenomenologia proposta por Heidegger (1989) não pode ser em hipótese alguma considerada como uma extensão àquela proposta por Husserl (1985): aquele se preocupou com a facticidade do ser mais do que com a subjetividade transcendental, característica fundamental

da fenomenologia de deste. Outra diferença marcante entre os dois filósofos está na historicidade: enquanto Husserl (1985) se manteve no padrão estabelecido por Descartes (1991) e Kant (1787), compreendendo a temporalidade como estática, Heidegger (1989) compreendeu o processo do ser como dinâmico e em função do tempo. Assim, Heidegger (1989) redefiniu fenomenologia de maneira que a dimensão autêntica dela concentra-se na hermenêutica. Por isso Paisana (1992) conceituou o método fenomenológico de Heidegger como Fenomenologia Hermenêutica.

O método fenomenológico de Heidegger (1989) está diretamente associado com a compreensão etimológica da palavra fenomenologia. Segundo Heidegger, um método fenomenológico implica em “deixar que as coisas se manifestem como o que são, sem que projetemos nelas as nossas próprias categorias” (PALMER, 1997, p. 34). Nessa expressão está o entendimento de hermenêutica por Heidegger (1989), pois o método não se fundamenta na consciência ou nas categorias humanas, mas na própria manifestação do ser em questão. Contudo, está nessa análise um dos pontos críticos do método de Heidegger, pois “nunca pode tornar-se verdadeiramente um objeto para nós, dado que somos ser no próprio ato de constituir qualquer objeto enquanto objeto” (PALMER, 1997, p. 34). Heidegger (1989) tentou escapar dessa contradição utilizando o aspecto histórico, em que o indivíduo que apreende os fenômenos vem acumulando experiências durante sua própria existência. Para ele a hermenêutica é a fenomenologia do ser (*dasein*), que significa interpretar o ser através da estrutura do próprio ser e o significado autêntico do ser dado na sua compreensão. Dessa forma, a hermenêutica para Heidegger, como metodologia para interpretação dos estudos humanísticos, é:

Uma forma derivada que assenta na função ontológica primária da interpretação e a partir dela cresce. É uma ontologia regional que tem que se basear numa ontologia fundamental. Efetivamente, a hermenêutica transforma-se numa ontologia da compreensão e da interpretação[...] o poder que torna possível a revelação do ser das coisas e em última instância das potencialidades do próprio ser do Dasein (PALMER, 1997, p. 35).

2.1.4 Hans Georg Gadamer (1997)

Foi em Gadamer que a ontologia regional da interpretação dos estudos humanísticos de Heidegger encontrou sua solidificação (BLEICHER, 1992). Gadamer (1997) baseia sua teoria hermenêutica basicamente na historicidade e linguisticidade da compreensão. O principal problema para Gadamer, segundo Bleicher (1992) está em considerar a historicidade *a priori* da linguisticidade. Palmer (1997) corrobora essa análise ao expressar que a hermenêutica de Gadamer está baseada na compreensão, porém, entendida de forma peculiar como sendo sempre um evento histórico, dialético e linguístico, tornando assim a hermenêutica a base ontológica para a fenomenologia da compreensão.

Para Gadamer a compreensão do processo dialógico não está na compreensão do texto, mas na pergunta que o texto se propõe a responder, pois nessa “lógica de pergunta e resposta um texto acaba por ser um acontecimento ao ser atualizado na compreensão, que representa uma possibilidade histórica” (BLEICHER, 1992, p. 76). Em *Verdade e Método*, Gadamer (1997) ressaltou a importância da pergunta em razão do sentido que ela contém e que orienta toda a construção do texto, como se pode observar:

É essencial que toda pergunta tenha um sentido. Sentido quer dizer, todavia, sentido de orientação. O sentido da pergunta é simultaneamente a única direção que a resposta pode adotar se quiser ser adequada, com sentido. Com a pergunta, o interrogado é colocado sob uma determinada perspectiva. O fato de que surja uma pergunta rompe igualmente o ser do interrogado. O logos que desenvolve este ser rupturado é, nessa medida, sempre já resposta, e só tem sentido no sentido da pergunta (GADAMER, 1997, p. 197).

Por isso, para Gadamer (1997), a linguisticidade da compreensão não pode acontecer depois da historicidade. Na filosofia dele essas duas orientações caminham num sentido de ida e vinda, pois se confundem nesse caminhar, tendo em vista que a compreensão de qualquer coisa não pode acontecer sem a intervenção da linguagem. Esse movimento dialético da filosofia de Gadamer é o que Palmer (1997) salientou como uma proposta de compreensão isenta de regras ou de métodos, mas composta de um processo dialético em que se dá a experiência. Assim, a compreensão não é mais vista como um ato do homem, mas como um evento no homem (PALMER, 1997).

Essa atitude convergente, compartilhada por Bleicher (1992) e verificada em Gadamer (1997), procura inverter a ordem dos termos em que a filosofia tem vivido, contrariando a autonomia da consciência, assim: eu não penso, sou pensado; eu não falo, sou falado; não me relaciono com algo, sou relacionado com. É na linguagem o ponto de partida e de chegada.

Para Gadamer (1997), um dos principais problemas das ciências naturais é achar que existe um método para alcançar à verdade. A necessidade da verdade é um paradigma a ser superado e, na sua hermenêutica, Gadamer (1997) se propôs a transpô-lo. É nesse sentido que Palmer (1997) apresentou algumas teses de hermenêutica que ratificaram as proposições de Gadamer. Três delas merecem destaque:

O método é uma tentativa de avaliação de controle por parte do intérprete; é o oposto de nos deixarmos guiar pelo fenômeno. A abertura da experiência – que altera o próprio intérprete em favor do texto – é a antítese do método. Assim o método é de fato uma forma de dogmatismo, separando o intérprete da obra, colocando-se entre esta e ele, e impedindo-o de experimentar a obra em toda a sua plenitude. A visão analítica é cega à experiência; é uma cegueira analítica.[...]

Não é o interprete que capta o significado do texto; o significado do texto é que possui o intérprete. Quando assistimos a uma peça ou a um jogo, quando lemos um romance, não nos colocamos acima deles como um sujeito que contempla um objeto, somos captados pelo movimento interno da coisa que se desdobra – somos possuídos. Isto é um fenômeno hermenêutico que uma abordagem tecnológica da literatura em grande parte ignora; interpretamos erradamente a situação hermenêutica se nos vemos enquanto senhores e manipuladores da situação. Pelo contrário, somos participantes, e mesmo assim não o somos totalmente, visto que não podemos ingressar na situação e mudá-la, visto que não temos o poder de mudar a fixidez de um texto. [...]

Hoje a tarefa da interpretação é libertar-se da objetividade científica e da maneira como o cientista vê as coisas, é recuperar o sentido da historicidade da existência. Estamos tão obcecados com a perspectiva do pensamento tecnológico que só de um modo disperso temos consciência da nossa historicidade (GADAMER, 1997, p. 203).

3 Possibilidades da Hermenêutica na Pesquisa Qualitativa em Administração

Como explanado anteriormente, os estudos organizacionais são caracterizados pela multi e interdisciplinaridade em consequência do seu campo de estudo ser permeado por objetos de estudo de outras áreas de conhecimento.

Em função da grande proximidade que a administração tem com as ciências econômicas, em especial, por ser ainda muito forte a justificativa da racionalidade econômica como pressuposto fundamental da existência e da tomada de decisões das firmas, as pesquisas de cunho quantitativo têm forte apelo, além de estarem baseadas na corrente positivista dominante no final do Século XIX e início do Século XX. Todavia, até em razão dessa multidisciplinaridade, a administração tem recebido forte influência de áreas do conhecimento voltadas ao aspecto social, como a Sociologia e a Antropologia, e recebido delas influências teóricas e metodológicas que têm permitido um repensar das práticas de pesquisa em administração.

A base epistemológica que tem sustentado as pesquisas qualitativas é diversa (SCHWANDT, 2000); o cuidado no entendimento correto e no uso adequado da metodologia torna-se fundamental para a credibilidade dessa nova forma de compreender o mundo. Nos estudos organizacionais essa preocupação tem motivado muitos autores a atribuírem a devida importância tanto nas metodologias de cunho qualitativo quanto no seu uso correto, como destaca Godoy (2005).

Soares (1988) propôs um ensaio teórico sobre as possibilidades da hermenêutica nas ciências humanas. No decorrer do artigo o autor reconheceu as limitações da hermenêutica nas ciências sociais, não pelas suas características intrínsecas, contudo, pela crise que existe na ciência atual e pelo embate da hermenêutica com o que ele denominou Filosofia da Diferença. Apesar de não estar no escopo deste trabalho, faz-se importante chamar a atenção para a contribuição de Soares (1988, p. 135) ao afirmar que as possibilidades da Hermenêutica nas ciências humanas não deverão ter como intuito “desempenhar uma função instrumental ou oferecer métodos eficazes, mas com o propósito de contribuir para abertura de um horizonte enriquecedor de reflexão”.

Apesar de não existir grande número de artigos que tenham utilizado a perspectiva hermenêutica como base epistemológica para suas pesquisas,

alguns artigos nacionais e uma dissertação de mestrado foram identificados após realização de buscas em alguns periódicos nacionais e em bases de dados como Proquest e EBSCO. A procura por esses materiais teve como objetivo encontrar publicações acadêmicas que assumissem claramente o uso da hermenêutica e então entender como os autores desenvolveram a postura hermenêutica.

A seguir estão alguns autores que afirmaram o uso da hermenêutica nas ciências humanas e nos estudos organizacionais.

Veronese (2003) comunga do postulado de Soares (1988, p. 135) na metodologia de seu artigo intitulado *Na Direção de uma Psicologia Crítica do Trabalho*, que se firma em pressupostos da psicologia e dos estudos organizacionais. Nele a autora expressou a importância da hermenêutica crítica para aumentar o poder de reflexão, “propiciando uma leitura qualificada das múltiplas realidades” (VERONESE, 2003, p. 7).

Campos (2001) utilizou a interpretação hermenêutica para compreender como o Planejamento Estratégico tem sido apreendido na área da saúde. A autora ratificou seu posicionamento ao destacar que:

A grande tarefa da hermenêutica na área do planejamento, acreditamos, poderia se refletir sobre o já dado, visando desconstruir os preconceitos e permitindo escolhas racionais sobre o que conservar ou resgatar do passado da área (CAMPOS, 2001, p. 200).

No desenvolver do artigo, a autora usou o método de análise de documentos como fonte para o exercício da interpretação hermenêutica.

Moreira (2005) em sua dissertação de mestrado na área das ciências contábeis, afirmou usar o método **fenomenológico-hermenêutico** para verificar se é possível utilizar os meios eletrônicos para divulgar com eficiência e segurança as informações financeiras de uma determinada empresa. O autor justificou o uso do método na seguinte expressão:

São abordagens que utilizam técnicas não quantitativas. Privilegiam estudos teóricos e análise de documentos e textos. Suas propostas são críticas e geralmente têm marcado interesse de conscientização dos indivíduos envolvidos na pesquisa e manifestam interesse por práticas alternativas. Buscam relação entre o fenômeno e a essência, o todo

e as partes, o objeto e o contexto. A validação da prova científica é buscada no processo lógico da interpretação e na capacidade de reflexão do pesquisador sobre o fenômeno objeto de seu estudo (MOREIRA *apud* MARTINS, 2002, p. 46)

Alcadipani e Almeida (1993) utilizaram o método de interpretação e reflexão de Michel Foucault para compreender como a implementação e os efeitos dos espaços abertos no ambiente de trabalho influenciam os trabalhadores no desenvolvimento de suas funções. Os autores afirmaram ter utilizado a observação participante como técnica de pesquisa. Afirmaram, também, que o processo de reflexão sobre os dados teve como fundamento a oportunidade do pesquisador interagir com o objeto estudado, podendo aprender com ele, sendo essa atitude presente em todos os estágios da pesquisa, desde a revisão bibliográfica até a redação do relatório.

Guazzell *et al.* (2003) afirmaram lançar mão da hermenêutica como uma metodologia qualitativa em conjunto com a teoria teleológica. Os autores, não deixaram claro o porquê da escolha metodológica. No decorrer da seção *Metodologia* afirmaram ter utilizado a técnica de entrevistas como a principal forma de levantamento dos dados.

Jennings e Waller (1994) afirmaram utilizar a hermenêutica para reinterpretar e reformular parcialmente a descrição da economia evolucionária Vebleniana. Nesse artigo fica claro que os autores procuraram fazer uma espécie de exegese nos textos da corrente econômica para atingir o objetivo desejado.

Bush (1989) também utilizou a hermenêutica como forma para interpretar textos econômicos e no artigo intitulado *Institutionalist Methodology and Hermeneutics: A Comment on Mirowski*, o autor discutiu a forma errada que Mirowski interpreta a teoria econômica evolucionária. O artigo trata basicamente dessa discussão e das implicações conceituais das interpretações alcançadas.

Entre os textos pesquisados, o que demonstrou maior cuidado com o uso da hermenêutica foi o artigo intitulado *Connecting the local narratives: public administration as a hermeneutic science*, escrito por Balfour e Mesaros, em 1994. Os autores se preocuparam em fundamentar a hermenêutica como postura de pesquisa nas organizações públicas, procurando interligar as narrativas dos diversos *stakeholders* em múltiplas formas de comunicação e,

através do círculo hermêutico, os interpretar. Os autores defenderam o uso da hermenêutica em seu artigo ao ressaltar que ela é capaz de prover um sistema que conecta narrativas locais e diferentes metodologias dentro de uma estrutura coerente, consistente de dimensões, significados, comportamento, estrutura e ação (BALFOUR; MESAROS, 1994).

Não houve pretensão até aqui de criticar a fundamentação metodológica dos autores e menos a credibilidade das suas pesquisas e resultados, porém, verificar como eles trataram o sentido da palavra hermenêutica em seus trabalhos, com o objetivo de lançar luz para possibilidades de pesquisas futuras que tragam consigo o olhar hermenêutico. Por isso, a pesquisa nas bases de dados não procurou esgotar todos os artigos que fizessem uso desse olhar, contudo, pretendeu utilizar alguns e permitir que eles falem por si mesmos sobre a possibilidade da hermenêutica.

4 Considerações Finais

Dizer que fazer hermenêutica é interpretar textos ou mesmo ações humanas é no mínimo enterrar a evolução e a riqueza da discussão que cerca essa corrente filosófica. Portanto, ao considerar a hermenêutica como uma possibilidade dentro da Administração, se deve primeiro respeitar e compreender o desenvolvimento dessa doutrina filosófica no decorrer do tempo e o seu estágio atual, rivalizados pelas perspectivas de Gadamer (1997) e Betti, conforme Palmer (1997). Ambos usam o termo hermenêutica, porém, a orientação em relação à postura do pesquisador diante do **objeto** de estudo é diferente.

As organizações, quando vistas como manifestações de interações humanas, tanto no sentido intraorganizacional quanto extraorganizacional, ou seja, quando elas compreendem as relações com a sociedade, podem e devem ser entendidas com um olhar hermenêutico. É importante ressaltar que ao objetivar a compreensão da organização ou de qualquer uma de suas interações deve-se admitir que essas relações não seguem uma condição causal, num mundo estático, regido por uma única dada racionalidade; permitir o olhar hermenêutico é antes de tudo permitir que as organizações falem por si só.

Quando Gadamer (1997) afirma que a verdade não pode ser alcançada por um método, ou mesmo seguindo as premissas de Palmer (1997), Bleicher

(1992), Soares (1988), em relação à hermenêutica, não se pode afirmar que ela é uma metodologia; fazer isso é como se proteger do sol com uma tela furada. A hermenêutica deve ser encarada como uma base epistemológica, em que se pode assentar técnicas de pesquisa.

Mesmo quando se utiliza, à linha de Betti (PALMER, 1997), a interpretação de textos (no sentido de exegese), se deve buscar os aspectos que transcendem a simples análise do texto, deve ser adicionado o elemento histórico e as características sociais e psicológicas de quem escreveu, entre outras, ou seja, o fazer hermenêutico está mais relacionado à postura do pesquisador em relação à sua realidade e como ela pode ser apreendida do que necessariamente com as técnicas em uso.

Dessa forma, a condição para o bom uso ou não da técnica para se realizar a interpretação dependerá de como o pesquisador compreende o mundo.

Numa perspectiva mais filosófica, pode-se usar Schwandt (2000) e dizer que a hermenêutica não é uma metodologia para resolver problemas relacionados com a ação humana, mas é uma forma de desenvolver uma postura que busque clarificar as condições que circundam o sujeito de maneira que ele possa falar por si mesmo e ser entendido a partir do que é.

Certamente, a hermenêutica, como base epistemológica para pesquisa no âmbito das organizações, ainda carece de muita discussão e interpretação (DAVSON-GALLE, 1994). Todavia, as possibilidades da hermenêutica dentro do estudo das organizações é latente e o avanço de novos estudos ajudará a Administração a utilizá-la como um remédio e não como um veneno, parafraseando Derridá (*apud* SCHWANDT, 2000).

Hermeneutics possibles in administration

Abstract

This is a theoretical study that has the objective of increase the discussion of the epistemological basis for the research at the organizational studies. Leaving aside many other possible ways, the hermeneutic perspective was adopted here as a possibility within Administration taking into consideration the ways that the hermeneutic research sees the world. The study was done through a bibliographic review that tried to combine the hermeneutic basis for writes specialized at this

theoretical and some experiences identified at academic works. It is observed at the end of this study that the multi disciplinarily and the inter disciplinarily that surrounds the organizational studies permits the hermeneutic to become an excellent epistemological alternative to increase the comprehension of the organizations.

Key-words: Epistemological. Hermeneutic. Research in Administration.

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R.; ALMEIDA, A. Por fora bela viola, por dentro...: análise crítica sobre a gestão do espaço nas organizações através de um estudo de caso sobre a implementação de um escritório aberto no Brasil. **Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 35-51, dez. 1993.

APEL, Karl-Otto. **Transformação da Filosofia II**. O a priori da comunidade da comunicação. São Paulo: Loyola, 2000.

BALFOUR, D. L.; MESAROS, W. Connecting the local narratives: Public administration as a hermeneutic science. **Public Administration Review**, Washington, v. 54, iss. 6, p.60-82, nov./dec. 1994.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1964.

BLEICHER, J. **Hermenêutica contemporânea**. Lisboa: Edições, 1992.

BUSH, P. Institutional Methodology and Hermeneutics: a comment on Mirowski. **Journal of Economic**, Pittsburgh, v. 23, p.130-153, dec. 1989.

CAMPOS, R. T. O. O planejamento em saúde sob o foco da hermenêutica. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 197-208, 2001.

CARAVANTES, G. **Teoria geral da administração: pensando e fazendo**. 2. ed. Porto Alegre: Age, 1998.

CASTORIADIS, C. **Epilegômenos a uma teoria da alma que se pôde apresentar como ciência**. In. As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DAVSON-GALLE, P. Leadership, hermeneutics and empiricism. **Journal of Educational Administration**, Armidale, v. 32, iss. 3, p. 115- 134, 1994.

DESCARTES, R. **Discursos do método**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

DEWEY, J. **A filosofia em reconstrução**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1958.

DILTHEY, W. **Selected works**. The formation of the historical world in the human sciences. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

ETZIONI, A. **Organizações modernas**. São Paulo: Pioneira, 1967.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, S. **Neuroses de transferência**: uma síntese. Ilse Grubrich-Simitis (Org). Rio de Janeiro: Imago, 1985.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 3, n. 2, p. 153-167, mai./ago. 2005. Disponível em: <www.gestaoorg.dca.ufpe.br>. Acesso em: 4 jun. 2009.

GUAZZELL, F. V. *et al.* Um estudo sobre o processo de compra do consumidor de carne bovina no município de Vacaria/RS. **Revista de Administração On-line**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.1-7, abr./maio/jun. 2003.

HABERMAS, J. **Verdade e justificação**: ensaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004.

HEIDDEGER, M. **Conferência e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).

HEIDDEGER, M. **El ser y el tiempo**. Original publicado em 1927. Madrid: Fondo de Cultura Econômica, 1984.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas**: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

JAMES, W. O. **Pragmatismo**: um nome novo para algumas formas antigas de pensar. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

JENNINGS, A.; WALTER, William. Evolutionary Economics and Cultural Hermeneutics: Veblen, Cultural Relativism and Blind Drift. **Journal of Economic**, Pittsburgh, v. 28, iss. 4, p. 201-222, dec. 1994.

LEKACHMAN, R. **História das idéias econômicas**. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MARCUSE, H. **Ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1979.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria geral da administração**: da escola científica a competitividade na economia globalização. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MOREIRA, O. **O XBRL no Brasil**: um estudo empírico com as empresas de capital aberto. 2005. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Departamento de Contabilidade e Atuarial da Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

MOTTA, F. C. P. **Teoria geral da administração**: uma introdução. 22. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

NIETZSCHE, F.W. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Porto Alegre: L&PM, 2008.

PAISANA, J. **Fenomenologia e hermenêutica**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições, 1997.

POLANYI, K. **A grande transformação**. As origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ROHDEN, L. **Hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SILVA, R. O. **Teorias da Administração**. São Paulo: Pioneira, 2001

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermenêutica: arte e técnica de interpretação.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHWANDT, T. A. Three Epistemological Stances for Qualitative Inquiry. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.) **Handbook of Qualitative Research.** 2nd. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

SOARES, L. E. Hermenêutica e Ciências Humanas. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, n. 1, p. 20-47, 1988.

VERONESE, M. V. **Na direção de uma psicologia social crítica do trabalho.** Faculdade de Economia de Coimbra. Coimbra, 2003. (Oficina).